



Sem ter para onde ir, invasores continuavam, ontem, com seus pertences no local

Polícia Militar volta a queimar barraco na Serra

Pela terceira vez, em menos de nove meses, 1.200 famílias, que invadiram parte de uma área de 1.800.000 metros quadrados, em Cacú, Serra Dourada II, tiveram seus barracos quebrados e queimados na última quarta-feira pela Polícia Militar, que estava respaldada por uma liminar de despejo concedida pelo juiz da Primeira Vara da Serra, Marco Antônio de Souza Basílio. A expulsão dos invasores, segundo eles próprios, desta vez, foi considerada “a mais violenta ação da parte dos policiais”, que não consentiram nem mesmo que as famílias retirassem seus pertences antes da demolição dos barracos.

Cerca de 50 famílias ainda permaneciam no local ontem, afirmando não ter outro lugar para morar. Ao relento, já que os barracos, na sua maior parte, foram destruídos, eles mostraram os estragos da operação: móveis debaixo de telhas e de madeiras, roupas e utensílios domésticos. A liminar sequer foi mostrada aos invasores, e ninguém soube informar quem estava comandando a operação.

Até o momento, a única proprietária dos 1.800.000 metros quadrados da área de Cacú, com parte invadida, e que se apresentou munida de toda a documentação, é Maura Fraga. O seu pai, Alberto Oliveira Fraga, na década de 40 adquiriu o terreno. Em entrevista anterior, Maura Fraga contou que foi até o juiz Basílio e solicitou os nomes dos “supostos” herdeiros da área, já que acredita ser a única proprietária, mas não obteve resposta.

Os invasores, que tomaram conhecimento

de que a herdeira do terreno não “é contra a invasão na área”, reclamaram que foram “ameaçados pelos policiais”. Eles relataram ainda todo o episódio ocorrido durante a expulsão, afirmando que não foram respeitados nem crianças nem velhos, que foram até mesmo empurrados pelos policiais militares.

O aposentado Benvindo Amorim, procedente de Rondônia, está no Estado há seis meses. Com uma família de treze pessoas, ele explicou que com o ganho mensal de um salário mínimo conseguiu construir um barraco de quatro cômodos de madeira, em Cacú. “Em poucos minutos, eles destruíram tudo, e não sabemos o que fazer, já que não temos para onde ir”, disse. Preocupado também com a situação de suas cinco crianças, Simão de Oliveira, desempregado, mostrou-se revoltado, e disse que não sairia do local. Todos os seus pertences estavam ao ar livre, já que o barraco que tinha construído foi danificado pelos policiais militares e queimado. Ele fez um apelo para que o verdadeiro dono da área, que acredita ser Maura Fraga, tome uma providência, no sentido de não permitir mais “injustiça”.

Na quarta-feira os invasores foram pedir o apoio do prefeito da Serra, José Maria Feu Rosa, mas não o encontraram na administração. Ontem, a imprensa foi informada de que ele não iria comparecer ao prédio da administração municipal. Também o juiz Marco Antônio de Souza Basílio não foi encontrado ontem pela manhã.